

A QUESTÃO DA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Maiara Cano Romero¹

PG/UEMS

Marlon Leal Rodrigues

NEAD/UEMS

Introdução

Neste artigo vamos tratar da questão da análise na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. Ao tomar conhecimento da teoria da AD, o estudioso percebe a falta de um modelo metodológico para proceder com as análises, pois os teóricos tratam apenas dos conceitos que nos servirão de ferramenta no trabalho. Podemos perceber que o trabalho do analista do discurso se dá de modo diferente de uma análise gramatical com as quais já sabemos como operacionalizar, na AD, ao contrário, além de se incluir o sujeito e a história, não existe um modelo padrão de análise. Para Orlandi (2010) cabe aos analistas criar seu próprio dispositivo de análise a fim de resolver suas questões.

O trabalho do analista se dá na tensão entre a interpretação e a descrição, pois é um ser simbólico que interpreta a partir de sua visão de mundo. O pesquisador não pode deixar vaziar sua subjetividade na interpelação de modo que torne a interpretação tendenciosa. Ele tem de ter habilidade de levantar questões para o enunciado e de perceber as regularidades. Pode recorrer às formações discursivas, que representam no discurso as formações ideológicas. O analista remete a uma formação discursiva para compreender os sentidos.

O discurso é sempre ressignificado e atualizado com novas questões. O analista visa pensar o sentido levando em conta o contexto das condições de produção. É necessária a

¹ maiara.cano@hotmail.com

construção de um dispositivo que capacite o analista a resolver sua questão. Para os pesquisadores em AD o dispositivo teórico é o mesmo, porém, os dispositivos analíticos não. Pêcheux propunha uma intervenção social, a classe operária se apropriar da AD para intervir na sua realidade. Ele sentia falta de uma teoria que explicasse o mundo, a fim de ler o real mais objetivado. Toda descrição já é uma interpretação, cabe aos analistas dominar a teoria e seus conceitos.

Segundo Orlandi (2010) a proposta é construir um dispositivo de interpretação que leve em conta a ideologia e o inconsciente. Trabalho de entremeio entre a descrição e a interpretação. Deve-se trabalhar a opacidade da linguagem. Um documento, por exemplo, tem diversas possibilidades de leituras, porém, a intenção não é esgotá-las para chegar a uma verdade. Somos seres simbólicos e por isso não é possível existir uma verdade. Segundo Orlandi (2010) devemos fazer uma primeira análise do material que nos servirá de corpus e ver o que se diz, como se diz e em quais circunstâncias. É preciso transformar a superfície linguística em um objeto discursivo. O analista deve mostrar a materialização da ideologia e as relações de poder. Os textos são fatos de linguagem, por isso é preciso tratar da textualidade.

Neste sentido, o que temos é o mesmo dispositivo teórico, mas não os mesmos dispositivos analíticos. Para exemplificarmos um método faremos uma análise de reportagens. Tendo em vista que maior parte da população de Mato Grosso do Sul é composta por imigrantes paraguaios ou descendentes sabemos da sua enorme influência na cultura regional. Neste sentido o objetivo da presente pesquisa é analisar as reportagens da revista *Cultura em Mato Grosso do Sul* a fim de identificar o que é a cultura paraguaia, ou seja, a partir de dados coletados nas reportagens, tentar delinear aspectos característicos do Paraguai segundo a visão oficial do Estado, que representa a visão do governo. A revista citada acima pertence à Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, esta que por sua vez, está incumbida de implementar as diretrizes estabelecidas pelo governo na área da cultura. Nosso corpus será

constituído de todos os números publicados, desde 2008 até 2013.

Breve história da Análise do Discurso Francesa

Nos anos 60 a Análise do Discurso (AD) se constitui pela relação entre linguística, marxismo e a psicanálise, vindo romper com as ideias de estudos saussurianos do século XIX. Trabalha com o linguístico histórico, a língua como sendo proferida, no seu acontecimento. O sujeito se constitui na relação com o simbólico, é afetado pela língua e história, não tendo controle sobre como elas o afetam, interferindo diretamente nas suas escolhas que são guiadas pelo inconsciente e pela ideologia. “As palavras já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se formaram e que significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2010, p. 20).

Ainda para Orlandi (2010) a AD trabalha a noção de discurso produzindo um novo recorte de disciplinas e constituindo um novo objeto que afeta essas formas de conhecimento, que é o discurso. Para ela temos sentidos afetados pela língua e pela história na constituição dos sujeitos e produção de sentidos, não uma simples transmissão de informações, levando em conta as relações de sujeitos, sentidos e seus efeitos, configurando o discurso no efeito de sentidos entre locutores. O discurso tem sua regularidade, seu funcionamento, que é possível com o social e o histórico. O sistema da língua que dá as condições materiais de base para desenvolvimento dos processos discursivos. Segundo Orlandi (1999, p.15):

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Nesse sentido, para a autora, a AD busca problematizar as maneiras de ler, não

considerando a linguagem transparente. Perceber como um texto significa, faz com que o sujeito reflita sobre as mais variadas linguagens, para uma relação “menos ingênua” com elas para podermos perceber que estamos sujeitos a ela, que não há neutralidade nem no cotidiano dos signos. Partindo do pressuposto de que somos seres simbólicos, somos levados a interpretar. A língua perfeita e o sujeito independente, que pensa livremente, vão de encontro à teoria materialista do discurso proposta por Pêcheux. Pois para ele linguagem é mediação necessária entre o homem e a realidade Ela tem o poder de mudar a realida homem.

A AD trata do discurso, a língua fazendo sentido, o homem falando enquanto trabalho do simbólico que o constitui e que também faz parte de sua história, em uma posição mais crítica assumida nos anos 60, que problematiza a relação do sujeito com o sentido, a língua com a história. O analista pensa o sentido da linguagem dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem. Trabalha-se com o discurso, buscando identificar a ideologia materializada na linguagem. Para M. Pêcheux (Apud ORLANDI, 2010) “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, assim sendo possível a língua fazer sentido.”

Interdiscurso

Para Orlandi (2010), memória pensada em relação ao discurso é tratada como interdiscurso. O interdiscurso são os dizeres já ditos e esquecidos, para que possam representar o dizível. O dizer não é particular, nós pensamos que sabemos o que falamos, mas não temos seu total controle. A observação do interdiscurso nos permite remeter toda uma filiação de dizeres, uma memória, e a identificar em sua historicidade, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos. Neste sentido, segundo Orlandi:

Ao falarmos nos filiamos a redes de sentidos mas não aprendemos como

fazê-lo, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente. Por que somos afetados por certos sentidos e não outros? Fica por conta da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui nossa relação com eles. Mas certamente o fazemos determinados por nossa relação com língua a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia. (ORLANDI, 2010, p. 34).

O lugar de onde fala o sujeito interfere na constituição do que ele diz. A sociedade é formada por relações de força, sustentadas no poder. O que significa no discurso são as posições (quem fala e de onde) que significam no contexto sócio- histórico e na memória. A imagem que temos de algo resulta do confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições.

Formação Discursiva

Parafraseando Orlandi, o sentido não existe por si, mas é determinado pelas posições ideológicas em que as palavras são produzidas, e essas mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. As formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas e o estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam. O analista deve remeter o dizer a uma formação discursiva para compreender o sentido que ali está escrito. Para Orlandi (2010, p.43) “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito”.

A interpretação é garantida pela memória institucionalizada (o arquivo) e a memória constitutiva (interdiscurso), podendo estabilizar ou deslocar sentidos. Para Pechêux (Apud ORLANDI, 2010, p. 49) “a língua não é transparente nem o mundo diretamente apreensível quando se trata da significação, pois o vivido dos sujeitos é informado e constituído pela estrutura da ideologia”.

O sujeito só tem acesso a parte do que diz, pela sua interpelação ideológica do indivíduo em sujeito, desse modo inaugura-se a discursividade. Ele é assujeitado à língua e à

história para produzir efeitos, sendo determinado por essas, assim, produz sentidos. O dizer tem toda uma historicidade, e os seus sentidos não se esgotam. O sujeito livre e submisso, ou seja, assujeitado pode dizer tudo desde que se submeta à língua para apreendê-la.

A AD propõe uma construção de um dispositivo de interpretação, procurando ouvir os não-ditos que formam os sentidos de suas palavras. O dispositivo de análise deve levar em conta a ideologia e inconsciente considerados. Trabalhará no limite da descrição com a interpretação, seu dispositivo deve se atentar à opacidade da linguagem, descentramento do sujeito, efeito metafórico (equívoco, falha e na materialidade) no trabalho da ideologia. Não se pretende a exaustividade no trabalho de análise, ela é inesgotável, pois todo discurso se instaura na relação com outros discursos anteriores, se forma em um outro, apontando para um processo discursivo que se pode recortar e analisar.

O Dito e o Não Dito

Segundo Orlandi, na AD o dizer tem relação com o não dizer, o posto dito pressupõe o não dito, mas que é presente. O motivo fica subtendido pelo contexto e não necessariamente ligado ao dito. A teoria da semântica argumentativa desenvolve a noção de que o não-dito é subsidiário ao dito. Sabemos que há uma margem de não-ditos que também significam. Noções de não-dizer, noção de interdiscurso, ideologia, formação discursiva. O dito mantém uma relação de sentido com o não-dito, isto é, uma formação discursiva pressupõe outra. O que já foi dito, mas que já foi esquecido tem efeito sobre a formulação do dizer atual, o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer se sustenta na memória discursiva. O não-dito pode ser trabalhado como silêncio, “recuo necessário para que possa significar”(ORLANDI, 2010, p.83) silêncio como iminência de sentido, como fundador, este que faz com que o dizer signifique. Para Orlandi (2010, p. 85) “Entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move. É preciso dar visibilidade a esse espaço por

meio da análise baseada nos conceitos discursivos e em seus procedimentos da análise”.

Silenciamento

Orlandi distingue não-dito de silêncio: este é constitutivo de uma palavra que apaga as outras. No silêncio local há a censura, algo que é proibido dizer em uma determinada conjuntura, o que está intimamente ligada às relações de poder, o silenciamento acompanha as palavras. Os analistas devem observar o que está sendo dito e o que não está ou não pode ser dito, verificar nos não-ditos o que é relevante e significativo na situação dada. “As palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio” (ORLANDI, 2010, p. 85). Portanto o analista tem que observar isso. Para ela o silêncio é efeito de sentido entre locutores. Para a autora o silenciamento se divide em silêncio constitutivo, que é quando uma palavra apaga as outras, e silêncio local que se manifesta com a censura, ou seja, o que é proibido numa dada situação. Quanto ao silêncio Orlandi (2008, p.40) concebe que:

(...) a. o silêncio enquanto elemento constitutivo da significação, o dizer sendo já categorização do silêncio que, em si, é matéria significante por excelência (Orlandi, 1987); b. o silenciamento (política do silêncio) que é a prática de processos de significação pelos quais ao dizer apagamos os outros sentidos possíveis mas indesejáveis em uma situação discursiva dada.

A AD trata a linguagem ao seu exterior, é linguístico-histórico constituído pelo esquecimento e ideologia. O exterior é o interdiscurso, e a noção de língua como sistema sujeito a falhas e a ideologia constitutiva do sujeito e produção dos sentidos.

Ideologia

Segundo Orlandi é com a ideologia que relacionamos palavra e coisa. A língua e seu processo são discursivos, onde a ideologia relaciona o pensamento, a linguagem e o mundo, reunindo sujeito e sentido, então o sujeito se constitui e se significa pela ideologia. Para a AD a ideologia se materializa na linguagem e faz parte de seu funcionamento, sendo possível compreender a ideologia no seu funcionamento imaginário e materialmente articulado do inconsciente. “A conjunção língua/história também só pode se dar pelo funcionamento da ideologia” (ORLANDI, 2010, 96). Para Rodrigues (2011, p.30) “A ideologia junta as palavras às coisas, produzindo sentidos determinados, fazendo que, no entanto, o sujeito pense ser autor do seu próprio dizer”.

Para fazer uma análise é preciso um artefato teórico para tornar possível explicitar os gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação dos sujeitos, descrevendo a relação sujeito/memória. (ORLANDI, 2012). Por isso, a escolha pela Análise do Discurso é importante:

[...] pois a AD visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos do domínio simbólico. (ORLANDI, 2012, p. 26).

Interpretar o discurso é buscar as várias possibilidades de sentido estabelecidas nos diversos lugares históricos e sociais do sentido, sendo a interpretação parte constitutiva da própria língua, segundo Orlandi (2012).

Para Rodrigues (2007), apesar de a Análise do Discurso não possuir uma metodologia específica, um modelo, um esquema já dado que permita “enquadrar” os dados, ela apresenta

instrumentos teóricos e metodológicos para trabalhar com textos de qualquer natureza significativa, bastando para isso refletir acerca da relação entre o dispositivo teórico e o analítico da interpretação. Assim:

[...] analisar discurso coloca em questão o que analisar, primeiro passo metodológico, que se desdobra “automaticamente” em algumas perguntas a fazer, um objetivo a construir, algumas hipóteses, um objeto do discurso, um corpus a ser recortado ou construído e, desse recorte extrair somente o que significativo e relevante para as questões elaboradas. (RODRIGUES, 2007, p.22)

Assim, a Análise do Discurso considera todos os elementos não expostos da contextualização social e histórica do objeto discursivo analisado e, segundo explica Orlandi (2012) o objetivo da análise de discurso é descrever o funcionamento do texto.

Segundo Rodrigues (2007):

A delimitação do enunciado é um trabalho do analista que em grande maioria a partir das perguntas e questões que já estão elaboradas previamente, mas não fixas, uma vez que o recorte não pode ser aleatório a ponto de causar algum tipo de estranhamento entre aquilo que o sujeito em sua posição discursiva materializou lingüisticamente e aquilo que o analista recortou. (RODRIGUES, 2007, p. 23)

O recorte dos enunciados pode ser considerado uma etapa da análise muito significativa, pois, ainda segundo Rodrigues (2007), um aspecto importante dos enunciados é que eles se prestam a uma série de análises e abordagens de acordo com as perguntas que se faz a eles, de acordo com o agrupamento em que estão inseridos ou organizados, uma vez que o analista já o faz pensando naquilo que ele pode oferecer de produtivo.

Análise/Registro

A seguir procederemos com a análise dos recortes da “Revista Cultura do MS”, desde sua primeira edição em 2008 até a última, em 2013. Fizemos recortes que atendessem nossas questões, por isso nem todas as edições fazem parte do corpus de análise. Uma importante observação é que não nos apegaremos ao papel social do sujeito enquanto emissor de seu discurso, mas sim aos discursos que são vinculados pela revista, uma vez que ela está autorizada a falar em nome do Estado de Mato Grosso do Sul.

1. Música/Dança

O segredo dos compositores é acrescentar, com habilidade, os temperos de influências múltiplas. A alegria dos efusivos paraguaios, a elaboração melódica mineira, o cosmo urbano dos paulistas, os lamentos sertanejos, todos elementos de formação. (p.30, ed.2008).

“As mulheres rodopiam os vestidos típicos da fronteira. As faixas paraguaias seguram a faca na cintura. Os lenços amarelos, azuis e xadrez adornam os pescoços. Depois de dois CDs lançados,

há planos para um DVD, a ser distribuído nas escolas. Material essencial para manter a memória auditiva e visual.” (p.43, ed. 2009).

Neste trecho há destaque para o orgulho paraguaio, a mulher que rodopia com as vestes da cor da bandeira do Paraguai. Há também preocupação em se manter a memória da cultura:

“Imagine o Pantanal sem sua gente, costumes, causos. Nem sinal da diversidade cultural dos povos em

Campo Grande. Vestígios ausentes, na fronteira, da musicalidade paraguaia, das lembranças da guerra e do ciclo da erva-mate. Vir a Mato Grosso do Sul e ser apresentado apenas às belezas naturais não basta mais A cultura é atrativo turístico, recuperando valores.” (p.27, ed. 2009).

Elementos que constituíram a formação do Estado de Mato Grosso do Sul, como a Guerra do Paraguai que influenciou na delimitação da fronteira e a memória dos moradores, principalmente da fronteira com o Paraguai. O ciclo da erva-mate foi uma das fontes de trabalho pós-guerra. Há um sentimento de valorização não apenas das belezas naturais do Estado, mas também da história de sua formação, como fator de valorização da cultura como restaurador de valores.

“Brasil, Mato Grosso do Sul, terra dos sonhos guaranis, cuja dificuldade de acesso aos grandes centros brasileiros sedimentou o estreito contato com dois países de língua espanhola – Paraguai e Bolívia –, levando os sul-mato-grossenses a absorverem traços culturais das nações vizinhas, em especial nas áreas próximas à fronteira com o Paraguai, onde o sotaque carrega forte acento castelhano e ainda hoje são marcantes ritmos musicais como a polca e a guarânia.” (p.4, ed.2010).

“Mas a música boliviana, como o taquirari, o huayño ou a cueca, entre outros, não é tão reconhecida como influência na nossa música regional quanto a polca e a guarânia, do Paraguai, ou o chamamé, da Argentina” (p.29, ed.2010).

A expressão “sonhos guaranis” recorda o fato de o Estado de Mato Grosso do Sul ser terra da etnia guarani, antes da chegada dos colonos. A localização geográfica do Estado também dificultou o contato com o resto do Brasil, restando estabelecer trocas de costumes e cultura com os países vizinhos, como o Paraguai, Argentina e Bolívia. O contato com esses países de língua espanhola e indígena influenciaram no sotaque dos moradores de Mato Grosso do Sul. Quanto à música, não seria diferente, também tem influência de ritmos e

gêneros musicais paraguaios.

2. Culinária

“Abstraída a condição geográfica, e a cotação do dólar, o sul-mato-grossense é fronteiriço por mera conveniência: se da Bolívia pouco diz, do Paraguai orgulha-se do tereré, da guarânia, da polca, algumas vezes prefere a chipa ao pão de queijo, diverte-se oferecendo sopa paraguaia aos visitantes, mas, descartadas as referências de identidade e as ocasiões solenes, que de algum modo o satisfazem e enaltecem, pouco preza ou valoriza da coexistência com o país vizinho” (p.83, ed. 2010).

Neste trecho percebemos que não há um reconhecimento ou interesse pelo povo vizinho, nenhum interesse por seus costumes e cultura. O que ocorre é uma assimilação de alguns costumes culinários com a vinda de imigrantes paraguaios para o Brasil, como a chipa, a sopa paraguaia, o tereré. Na música, a guarânia e a polca paraguaia. A língua também não fica de fora, os brasileiros fazem uso de expressões da língua guarani, muitas vezes sem se dar conta, tamanha a assimilação por meio do contato.

“Os conflitos e a integração com os vizinhos paraguaios representaram outro exemplo na história da fronteira, de como um povo “vencido” exerceu significativa influência sobre seus “vencedores” brasileiros/mato-grossenses, haja vista a incorporação de hábitos alimentares, além de expressões verbais e artísticas, como a roda de tereré, o consumo da chipa e da sopa paraguaia, o uso cotidiano de expressões da língua guarani e a inspiração da música regional “de raiz” e popular nas polcas e guarânias mais antigas do Paraguai” (20-21, ed. 2010).

Os paraguaios ficaram com estigma de povo vencido e pobre, portanto, inferior, não apenas por ter perdido a Guerra do Paraguai, mas por ser um país que não conseguiu se

reerguer mais. O povo paraguaio sofreu com governos ditatoriais, que além de não propiciar educação e uma vida digna, oprimia.

“Abstraída a condição geográfica, e a cotação do dólar, o sul-mato-grossense é fronteiriço por mera conveniência: se da Bolívia pouco diz, do Paraguai orgulha-se do tereré, da guarânia, da polca, algumas vezes prefere a chipa ao pão de queijo, diverte-se oferecendo sopa paraguaia aos visitantes, mas, descartadas as referências de identidade e as ocasiões solenes, que de algum modo o satisfazem e enaltecem, pouco preza ou valoriza da coexistência com o país vizinho” (p.83, ed. 2010).

“A cozinha paraguaia chama a atenção por sua forte influência Guarani e espanhola, com pratos elaborados a partir do milho e da mandioca, e também pelos empanados e frituras” (p. 70, ed. 2010).

O Paraguai tem grande parte de sua população constituída por indígenas, o milho e a mandioca eram suas principais fontes de alimento. Com a vinda dos espanhóis, o milho foi sendo agregado às receitas típicas do Paraguai. São pratos tradicionais que são passadas de mãe para filha, de geração em geração. Alguns exemplos de pratos:

“O modo de fazer atravessa gerações, passa de mãe para filha, transformando-se. Das variações, duas são mais famosas: a chipa guasú, preparada com milho fresco, e a sopa so’o, que é a receita tradicional com recheio de carne moída (so’o significa carne em guarani)” (p.70, ed. 2010).

3. Religiosidade

“A reverência à santa remonta à Guerra do Paraguai. Conta-se que, durante um combate, o exército paraguaio, muito religioso – e muito mais numeroso – permitiu a fuga dos sobreviventes quando um

soldado exibiu a imagem de Nossa Senhora do Carmo” (p.22, ed. 2009).

Sendo verdadeiro ou não, este relato demonstra exatamente como o povo paraguaio é religioso.

“A religiosidade é evidente na devoção à Virgencita de Caacupê, padroeira do país. Atualmente ela é adorada e homenageada tanto no Paraguai quanto nas cidades da faixa de fronteira. Em 8 de dezembro, os imigrantes e seus descendentes realizam festejos e devoções que já fazem parte do calendário cultural das cidades” (26-27, ed.2010).

Nesta data de 8 de dezembro muitas pessoas pagam promessa à Nossa Senhora de Caacupê, é algo que já faz parte da tradição paraguaia e dos brasileiros de fronteira. O dia da santa é comemorado com bailes e comidas típicas.

“Já Nossa Senhora de Caacupê é cultuada no dia 8 de dezembro pela colônia paraguaia, em sua Associação, em bairros de Campo Grande e em municípios do interior. A santa, equivalente a Nossa Senhora da Conceição, é homenageada com missas e rezas, almoços ou jantares típicos da cultura paraguaia, além de bailes onde não faltam a polca e o chamamé” (p.22, ed. 2009).

“O apego do povo paraguaio às tradições também se expressa no campo religioso. Nas casas, há altares permanentemente armados, adornados com os santos da preferência dos moradores. Nas praças e nos edifícios públicos, nesta ou naquela esquina repousam, da mesma forma, imagens de santos, denotando a forte presença do universo religioso no cotidiano da população local.” (p.83, ed.2010)

Os paraguaios dedicam horas de seu dia preparando os altares nas casas para os santos.

“É ainda no campo religioso que se pode conhecer um dos fenômenos mais singulares e interessantes da tradição paraguaia. Na Sexta-feira Santa, enquanto os turistas descansam aguardando a abertura do comércio no dia seguinte, a população de Pedro Juan Caballero participa de um ritual muito particular, cuja prática é herdeira tanto da religiosidade jesuítica quanto Guarani. Se no Brasil os cristãos vão às missas e cultos, participar das celebrações em memória da morte de Cristo, no Paraguai a população, independente de classe social, dirige-se aos cemitérios, para lá chorar seus mortos e, por seu intermédio, reverenciar o martírio de Cristo” (p.83, ed.2010).

Interessante ver a devoção dos paraguaios nos dias santos. O comércio para e as pessoas vão aos cemitérios para cumprir um ritual tradicional de visita e lamento pela morte de seus parentes e conhecidos e a também a morte de cristo.

“Na Quinta-feira Santa já é grande o movimento nos cemitérios da cidade. As famílias, sobretudo as mulheres, dirigem-se ao campo sagrado a fim de preparar os túmulos para as visitas do dia seguinte. As lápides são lavadas; renovados os “panos de cruz”, as fitas enlaçadas às cruces que encabeçam as sepulturas; os pequenos altares, que enfeitam a cabeceira dos túmulos, são cuidadosamente arrumados com flores, velas, água e objetos que pertenceram ou lembram o parente falecido: fotos, insígnias, brinquedos, no caso dos angelitos, as crianças falecidas, entre outros. Ao pé dos túmulos são instalados os calvários, arcos preparados a partir da união de duas hastes de cana-de-açúcar, ou outra planta regional de caule flexível, previamente plantadas ou transpostas exclusivamente para a ocasião. O calvário remete ao martírio de Cristo, que ali será atualizado na dor das famílias pela perda de seus entes queridos” (p.83-84. ed. 2010).

Todo o percurso que é feito no início da semana santa, com todos os costumes detalhados.

“Não se acende fogo na Sexta-feira da Paixão, exceto para o mate do desjejum. Desse modo, na quinta-feira são preparados os alimentos para serem consumidos no dia seguinte. O tatauá trabalha

incansável nesse dia, assando chipas, sopas e tortas que, posteriormente serão compartilhados com amigos e parentes e distribuídos para as crianças, sobretudo os lopis, espécie de chipa no formato de animais, como pombas e jacarés” (p.83, ed.2010).

O respeito que os paraguaios dedicam aos dias santos é uma demonstração de apego muito forte com as tradições religiosas. Eles procuram não trabalhar na Sexta-feira da Paixão, as mulheres nem ao menos cozinham, pois, a família já se prepara dias antes para a semana santa. Durante este tempo de dedicação fazem orações, entoam canções, oferecem oferendas aos estacioneros, que são os músicos, a fim de lembrar e chorar seus mortos.

“Famílias inteiras, incluindo as crianças, visitam os cemitérios na Sexta-feira Santa e neles despendem grande parte do dia. Nos calvários ou sobre as lápides, são depositadas as oferendas, em forma de dinheiro ou de chipas, que servirão de pagamento aos estacioneros. Estes são grupos de cantores religiosos populares que, a pedido das famílias, entoam ladainhas, em guarani e espanhol, remetendo às estações de Cristo. Ao louvar os mortos, com seus cânticos melancólicos, os estacioneros comovem os vivos e, não raro, provocam lágrimas na audiência enternecida. Um de seus propósitos é justamente o de fazer aflorar a dor que, tornada pública, pode ser ratificada e compartilhada por toda a comunidade” (p. 84. ed. 2010).

“A profusão de pessoas nos cemitérios, mesmo em ocasião tão solene, acaba propiciando encontros entre parentes e amigos. A celebração que se inicia, senão triste, circunspecta, invariavelmente termina numa descontraída confraternização. As pessoas conversam, riem, paqueram e chegam a fazer lanches coletivos sobre os túmulos. Diante da morte celebram e fortalecem os laços que unem os vivos. Na cidade vizinha de Ponta Porã, os rituais também acontecem no interior dos cemitérios. Estes são abertos ao público e o movimento de familiares paraguaios é intenso, porém, neles não se fazem presentes os estacioneros” (p.84, ed.2010).

A visita aos cemitérios acaba se tornando um encontro entre amigos e entes queridos. O que começa como uma cerimônia de lembrança dos que já se foram termina em uma confraternização entre os que vivem.

“Na Sexta-feira, da mesma forma, os estacioneros visitam os cemitérios entoando canções a pedido dos parentes dos falecidos. As práticas devocionais do povo paraguaio se repetem com igual dimensão em muitas outras ocasiões religiosas e festivas” (p.84, ed.2010).

4. Costumes

“O orgulho dos paraguaios em relação a sua pátria é evidente nos elementos culturais. Em Porto Murtinho e Ponta Porã, por exemplo, as bandeiras brasileira e paraguaia aparecem lado a lado em comércio, casas e vias públicas. Suas cores (azul, vermelha e branca) estão presentes em fitas que adornam as vestimentas típicas das mulheres e nas faixas de tecido utilizadas pelos homens do campo para dar sustentação à coluna vertebral e prender utensílios da lida com o gado, como o punhal e a chaira, dentro da bainha feita de couro bovino” (26, ed.2010).

Neste trecho podemos perceber alguns costumes quanto a vestimenta dos paraguaios e o orgulho em estender sua bandeira ao público, demonstrando, desse modo, o orgulho de sua pátria.

“A lida com o gado, a habilidade em manusear instrumentos cortantes e trabalhar o couro bovino são costumes típicos dos imigrantes paraguaios que vieram ao país em busca de estabilidade a partir de 1870” (p.27, ed.2010).

O paraguaio possui conhecimento da técnica com trabalho com o couro de e também com a criação e cuidados com o gado. O que lhe serviu para arranjar emprego do lado de cá

da fronteira, no Mato Grosso do Sul.

“O sul de Mato Grosso havia sido invadido pelos paraguaios. E a consequência imediata do entrevero foi a introdução em nosso meio de dois hábitos salutaros, adquiridos dos invasores do solo pátrio: o de tomar mate com água fria (o tereré) e o de comer chipa quente – até os nossos dias, o único produto de exportação da valorosa nação guarani” (p.47, ed. 2008).

Quando se fala “Mato Grosso invadido pelos paraguaios”, fala do período que os paraguaios vieram para o Brasil em busca de uma chance de viver longe da pobreza e falta de oportunidades de trabalho, além do longo período de regime ditatorial que se instalou no Paraguai.

“A comunicação em guarani é orgulho dos paraguaios, principalmente aqueles da zona rural”(p.26, ed. 2010).

No interior do Paraguai a língua guarani é muito usada.

5.Artesanato

“No artesanato, é característico o nhanduti, bordado feito de fibras naturais, com tramas minuciosamente elaboradas e fino design, além de cestarias produzidas com palha de milho, capim e taboa” (26, ed.2010).

“Outra artista de origem paraguaia é Maria de Lurdes Loreiro da Silva Souza, que trabalha na confecção do nhanduti, artesanato produzido em tear. Ela lamenta que poucas pessoas conheçam essa arte e, com saudosismo, rememora as Rendeiras de Nhanduti da comunidade de Cañadas, bairro da

área rural de Itaquá, no Paraguai, conhecida como “Cidade do Nhanduti”, onde há cerca de 15 mil tecelãs da renda símbolo daquele país” (p. 32, ed. 2010).

“Ponto da Colônia Paraguaia de Mato Grosso do Sul – promove a preservação e o fomento das tradições paraguaias, com destaque para o folclore do Toro Candil e a cultura do Ñanduty” (p.6, ed. 2008).

O ñanduty é uma espécie de renda feita com uma linha muito fina e é considerado um dos símbolos do Paraguai. Outro elemento cultural é a manifestação folclórica do Toro Candil representa um aspecto de agregação e interculturalidade Brasil-Paraguai. A brincadeira é feita com o boi (toro, em espanhol), confeccionado de arame, couro curtido e a ossatura da cara do boi. Duas tochas acesas são colocadas no chifre do boi candeeiro (candil, em espanhol). Os que participam são mascarados (mascaritas, em espanhol) que se apresentam fantasiados para não serem reconhecidos, brincam entre si, mudam a voz e falam em guarani, português e espanhol.

Considerações finais

Este artigo serviu para traçar o perfil da cultura paraguaia com base em elementos culturais que mais se destacam como sendo parte da cultura paraguaia. Neste sentido, podemos afirmar que buscamos catalogá los conforme eram citados na Revista “Cultura do MS” como sendo próprio da cultura do Paraguai. Para Althusser (1985, p.68) Aparelhos ideológicos do Estado são realidades que se apresentam ao observador sob a forma de instituições distintas e especializadas. O autor também afirma:

Com todas as reservas que esta exigência acarreta podemos, pelo momento, considerar como aparelhos ideológicos do Estado as seguintes instituições (a ordem de enumeração não tem nenhum significado especial):

AIE religiosos (o sistema das diferentes Igrejas)
AIE familiar
AIE jurídico
AIE político (o sistema político, os diferentes partidos)
AIE sindical
AIE de informação (a imprensa, o rádio, a televisão, etc.)
AIE cultural (Letras, Belas artes, esportes, etc.) (p.68, 1985)

A ideologia é material concreto e se materializa nos aparelhos ideológicos do estado, ou seja, nas instituições do estado oficiais e não oficiais. Althusser (p.69, 1985) afirma que se existe um aparelho repressivo é porque existem vários aparelhos ideológicos do Estado agindo. Diante da explanação de Althusser sobre os aparelhos ideológicos do Estado, podemos afirmar que a revista se enquadra no AIE de informação. Esta análise/registro é para traçar o perfil da cultura paraguaia pelo o que é dito nas revistas do Estado a fim de, no futuro, poder confrontar com os discursos dos próprios paraguaios e seus descendentes, já que o Estado e seus aparelhos ideológicos querem inculcar suas ideologias nos sujeitos.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos do estado: nota sobre os aparelhos ideológicos do estado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

HALL, S. A Questão da Identidade Cultural. Trad. Tradutores Andréia Borghi Moreira Jacinto e Simone M. Frangella. 3ª ed. Revista e ampliada. Textos Didáticos nº18 – junho de 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. Campinas-SP: editora Pontes, 9ª ed. 2010.



_____. **Análise do Discurso**. 1ª ed. Campinas – SP: editora Pontes, 1999.

_____. **Silêncio e Implícito (Produzindo a monofonia)**. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. 2ª ed. Campinas- SP: Editora RG, 2008. (p. 39- 46)

_____. Processo de Significação, Corpo e Sujeito. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de (org.) **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, 2012.

RODRIGUES, Marlon Leal. **MST - discurso de reforma agrária pela ocupação:**

acontecimento discursivo. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2007.

_____. **Introdução ao estudo da ideologia que sustenta o MST**. Dourados- MS: Nicanor Coelho- Editor, 2011.